ESCOLA, PROFESSORES. E REALIDADE NUA E CRUA

Afixado por Vilela Marques - 25/01/07 14:01

A escola de hoje ter \tilde{A}_i necessariamente de reconhecer que o ritmo acelerado da vida actual, faz emergir fen \tilde{A}^3 menos sociais de contornos muito complexos, que conduzem as pessoas de um modo geral, e as crian \tilde{A} sas e jovens em particular, ao culto de valores pouco realistas, arrastados pela torrente avassaladora de um quotidiano caracterizado pela valoriza \tilde{A} 5 \tilde{A} 50 do sup \tilde{A} 0rfluo, pelo comodismo, pela vida f \tilde{A}_i cil e prazer imediato, sem grandes preocupa \tilde{A} 5 \tilde{A} 4 \tilde{A} 9 com um trabalho s \tilde{A} 0rio que exige indubitavelmente esfor \tilde{A} 5 \tilde{A} 0, trabalho, empenho e uma motiva \tilde{A} 5 \tilde{A} 5 \tilde{A} 6 alicer \tilde{A} 5 \tilde{A} 6 an a vontade de construir algo de importante no presente que consolide os alicerces para a vida futura de cada um. \tilde{A} 6% necess \tilde{A} 1 \tilde{A} 1 \tilde{A} 0 urgente, repensar as estrat \tilde{A} 0 \tilde{A} 1 \tilde{A} 2 \tilde{A} 2 \tilde{A} 3 \tilde{A} 3 \tilde{A} 4 \tilde{A} 4 \tilde{A} 5 \tilde{A} 5 \tilde{A} 5 \tilde{A} 6 \tilde{A} 6 \tilde{A} 6 \tilde{A} 6 \tilde{A} 6 \tilde{A} 6 \tilde{A} 7 \tilde{A} 9 \tilde{A} 9

A escola é, do ponto de vista de uma organização sistémica, o sistema central de um conjunto de sub-sistemas que se interligam e cujo funcionamento tem por objectivo primordial, educar e formar cidadãos livres, conscientes e responÃ; veis. Assim sendo, fica identificado o destinatÃ; rio de todas as acções planeadas, organizadas e realizadas pela escola: o ALUNO. Ora, se todo o processo de ensino-aprendizagem assenta num conjunto de actividades intencionalmente dirigidas aos alunos e ministradas de forma adequada à s suas capacidades e nÃ-vel de desenvolvimento, então, era suposto que todos eles de um modo geral atingissem o que normalmente consideramos sucesso escolar/educativo. Mas a realidade mostra-nos que o aproveitamento é muito diferenciado, verificando-se um elevadÃ-ssimo nÃomero de alunos que apresenta resultados que ficam muito aquém do que seria esperado. Pode à primeira vista parecer estranho que alunos da mesma turma, a quem são ministrados os mesmos programas das vÃ; rias disciplinas, com os mesmos professores, os mesmos livros e ainda sujeitos a um mesmo quotidiano escolar, apresentem nÃ-veis de aprendizagem tão dÃ-spares. No entanto, se fizermos uma observação atenta, facilmente concluÃ-mos que a grande diferença reside precisamente na mente de cada um dos alunos, e estÃ; relacionada com o factor mais decisivo de toda a aprendizagem que $\tilde{A} \odot$ a MOTIVA $\tilde{A} \ddagger \tilde{A} f O$. Esta situação levanta-nos outra questão: Porque é que temos nas nossas escolas alunos motivados, que trabalham de forma empenhada nas tarefas que lhes s£o propostas, e outros que se arrastam pela escola contrariados e sem qualquer motivação, e para quem as aulas são um verdadeiro suplÃ-cio? Este é o diagnóstico que importa fazer com a maior lucidez e realismo, pois sÃ³ assim podemos conhecer a realidade nua e crua da escola actual. Alunos que frequentam a mesma escola e convivem no mesmo espaço social, jÃ; que vivem na mesma freguesia ou zona, apresentam atitudes muito divergentes, algumas até antagónicas, em relação à escola. Isso conduz-nos à descoberta daquilo que poderÃ; ser a verdadeira razão desse antagonismo, pois se a totalidade dos alunos são oriundos de uma mesma zona, frequentam a mesma escola e manifestam atitudes diferenciadas perante as tarefas escolares, que se traduzem em resultados escolares muito diferentes. E a grande diferença reside na FAMÕLIA.

O que distingue os bons dos maus alunos no que diz respeito aos resultados escolares é seguramente o agregado familiar de cada um. É nesse nicho vital que desde o inÃ-cio da vida de cada um são assimilados os valores fundamentais que determinam atitudes, comportamentos e posturas perante a sociedade em geral e a escola em particular.

Uma criança que vive no seio de uma famÃ-lia devidamente estruturada, que nutre respeito pelos outros, que incute o sentido da responsabilidade, que estimula o esforço e a exigência como meios para uma vida melhor, que acompanha o dia a dia das crianças, impondo regras adequadas à idade e ao nÃ-vel de desenvolvimento, que cultiva uma convivência assente na compreensão e tolerância, reconhecendo-lhes o mérito, mas corrigindo os excessos ou desvios de comportamento, terá as condições necessárias para se desenvolver de forma harmoniosa, e obterá de uma forma natural o sucesso educativo. Ao invés, uma criança que seja criada num ambiente adverso, numa famÃ-lia que vive em constante conflito e sem cumprimento de regras essenciais para uma boa educação, interiorizam valores e atitudes que não se coadunam com aquilo que a sociedade e a escola espera dela.

Volvidas duas décadas sob a vigÃancia da Lei de Bases do Sistema Educativo, e apÃ3s profundas alterações curriculares, com revisão de programas, livros mais adequados, material escolar sofisticado mais atractivo com recurso à s TIC, metodologias diferenciadas e um grande investimento ao nÃ-vel da formação inicial e contÃ-nua de professores, o mais estranho é que o valor percentual do insucesso escolar mantém-se praticamente inalterado. Tanto esforço para nada. PORQUÊ?

Não serÃ; porque tratamos a situação a jusante esquecendo que os principais problemas se encontram a montante?

A escola actual deve centrar as suas energias numa busca constante de melhoria da qualidade do serviço que presta à sociedade.

Uma escola atingir \tilde{A}_i os mais elevados \tilde{A} -ndices de qualidade desde que garanta um funcionamento adequado nos diversos n \tilde{A} -veis da sua estrutura.

Para tal, torna-se urgente criar as condições necessárias a uma participação empenhada e de qualidade, a todos os intervenientes da comunidade educativa, nas várias estruturas e órgãos de gestão e administração.

A Assembleia é o órgão responsável pela definição das linhas orientadoras da actividade da escola onde está garantida a participação e representação da comunidade educativa. No âmbito das atribuições legalmente conferidas, a Assembleia aprova o Projecto Educativo, o Regulamento Interno, emite parecer sobre o Plano Anual de Actividades, aprecia relatórios periódicos e final de execução do Plano Anual, aprecia o Relatório de contas de gerência, define linhas orientadoras para elaboração do orçamento e promove e incentiva o relacionamento com a comunidade educativa, para além de muitas outras funções.

Para que a Assembleia cumpra todas as suas funções com qualidade e competência, é absolutamente necessário criar as condições de participação efectiva a todos os membros que dela fazem parte.

Este é um momento decisivo para se delinearem as directrizes que podem fazer a diferença ao nÃ-vel da qualidade de participação dos elementos que compõem este órgão de importância estratégica para um ensino de qualidade. Não pode a escola viver à sombra de um trabalho praticamente desenvolvido em regime de voluntariado, contando com o esforço e dedicação de uns quantos, que, com a falta de incentivos vão acumulando cansaço e frustração, que conduz à indisponibilidade para tarefas de responsabilidade.

Neste contexto, e face à exigência do horário do professor contemplar determinado número de horas de estabelecimento, é da mais elementar justiça que os membros do corpo docente, pertencentes à Assembleia, vejam parte dessas horas atribuÃ-das precisamente para trabalho relacionado com este órgão. Ao pessoal não docente com assento neste órgão devem ser atribuÃ-das horas para compensar o tempo destinado tanto à preparação como à participação nas reuniões. Para os pais e encarregados de educação indigitados para o referido órgão também devem ser criadas condições adequadas à sua participação, até como forma de estimular o seu empenho e garantir o aparecimento de novos membros. A participação nas reuniões de um órgão da importância da Assembleia carece de uma preparação prévia cuidada, através da leitura da vasta documentação relativa a assuntos tratados neste órgão.

Assim, com pessoas motivadas e com condições para o desempenho das funções atribuÃ-das, estarão garantidas algumas das condições consideradas essenciais, e estaremos certamente no caminho certo para uma escola de sucesso e um ensino de qualidade.

ESTATUTO DA CARREIRA DOCENTE

Aprovado o novo Estatuto da Carreira Docente, que entrarÃ; em vigor dentro de pouco tempo, importa que a sua regulamentação tenha em linha de conta as realidades actuais da escola e da sociedade, na perpectiva de melhorar o ensino e desenvolver o paÃ-s.

O factor determinante para a escola atingir os mais elevados nÃ-veis de sucesso, é o dos recursos humanos. Por isso, qualquer organização, e a escola não foge à regra, só poderá atingir esses nÃ-veis através das pessoas

que nela trabalham, quando elas possuem forma \tilde{A} § \tilde{A} £o global e espec \tilde{A} -fica adequadas \tilde{A} suas fun \tilde{A} § \tilde{A} µes, e as exercem de forma empenhada. Este desiderato s \tilde{A} 3 se verifica quando as pessoas se sentem motivadas e s \tilde{A} £o estimualadas por factores relacionados n \tilde{A} £o s \tilde{A} 3 com a sua realiza \tilde{A} § \tilde{A} £o profissional, mas tamb \tilde{A} ©m pela satisfa \tilde{A} § \tilde{A} £o pessoal e reconhecimento social. Regulamentar o estatuto dos docentes, \tilde{A} ©, de certo modo, mexer em todas essas vertentes, pelo que \tilde{A} © necess \tilde{A} ¡ria muita pondera \tilde{A} § \tilde{A} £o, para que n \tilde{A} £o se verifique uma avers \tilde{A} £o ao estatuto por parte dos seus destinst \tilde{A} ¡rios: os professores.

Re:ESCOLA, PROFESSORES. E REALIDADE NUA E CRUA

Afixado por fernando_santana - 30/01/07 13:01

Colega, concordando na generalidade com a sua intervenção permita-me introduzir mais uma variável no mesmo raciocÃ-nio, pois entendo que a FamÃ-lia não é a única variável. Frequentemente a variável mais importante é mesmo o PRÓPRIO ALUNO. Basta ver os resultados escolares dÃ-spares apresentados por irmãos da mesma famÃ-lia, por vezes até com pequena diferença de idades. Pois, quer queiramos quer não, não somos todos iguais: OS ALUNOS NÃO SÃO TODOS IGUAIS, para podermos responsabilizar principalmente a famÃ-lia. O importante é oferecer a todos as mesmas oportunidades, o que significa oportunidades desiguais para alunos que são desiguais, por isso não podemos formatar a escola ou dar aulas para "a maioria", que frequentemente até é a minoria. A batalha da MOTIVAÇÃO só pode ser ganha com a diversificação das propostas, ofertas e actividades, preferencialmente com a participação activa dos próprios, para que a actividade escolhida e que encanta o aluno A

A batalha da MOTIVAA‡AfO sA³ pode ser ganha com a diversificaA§A£o das propostas, ofertas e actividades, preferencialmente com a participação activa dos próprios, para que a actividade escolhida e que encanta o aluno A mas que o aluno B detesta possa ser alternada com a actividade que capta toda a atenção do aluno B, embora aborrecendo de morte o aluno A. A forma de levar a água ao nosso moinho é só nossa em ambos os casos e farÃ-amos um melhor serviço à educação e à escola se pudessemos dispensar o aluno B da primeira actividade e o aluno A da segunda...
